

## Parte I

Paris, França é emocionante e tranquila.

Eu tinha só quatro anos quando cheguei pela primeira vez a Paris, onde falei francês, onde me tiraram fotografias, onde fui à escola e onde comi sopa ao pequeno-almoço e perna de carneiro e espinafres ao almoço, sempre gostei de espinafres, e havia um gato preto que saltava para cima do ombro da minha mãe. Era mais emocionante do que tranquilo. Os gatos não me incomodam, mas não gosto que me saltem para cima do ombro. Há muitos gatos em Paris e em França e podem fazer o que quiserem, sentar-se em cima das hortaliças ou dos artigos de mercearia, ficar em casa ou sair. Considerando a quantidade de gatos existente, é extraordinário que haja tão poucas brigas entre eles. Há duas coisas que os animais franceses não fazem, os gatos não brigam nem uivam muito, e os frangos não se enervam quando atravessam uma estrada, se começaram a atravessá-la continuam em frente, como fazem também os franceses.

É uma coisa que qualquer pessoa que conduza em Paris precisa de saber. Quando as pessoas descem do passeio para

atravessar ou quando andam noutra lado qualquer, fazem-no a um certo ritmo e esse ritmo mantém-se e nada as sobressalta, nada as assusta, nada as faz acelerar ou abrandar, nem mesmo o ruído mais violento ou inesperado as faz recuar de um salto, perturbar o seu passo ou mudar de direção. Se virmos nas ruas de Paris um transeunte recuar de um salto ou simplesmente saltar, podemos ter a certeza de que se trata de um estrangeiro e não de um francês. É tranquilo e emocionante.

Portanto estive em Paris um ano dos quatro para os cinco anos e depois disso voltei para a América. Uma criança não esquece mas acontecem outras coisas.

Um pouco mais tarde em San Francisco, houve mais franceses.

Bem vistas as coisas qualquer pessoa, quer dizer, qualquer pessoa que escreva está interessada em viver no interior de si própria para contar o que há dentro de si. É por isso que os escritores têm de ter dois países, o país a que pertencem e aquele onde realmente vivem. O segundo é romântico, está separado deles, não é real mas existe realmente.

Foi o caso dos vitorianos ingleses com Itália, o caso dos americanos de começos do século XIX com Espanha, o caso dos americanos de meados do século XIX com Inglaterra, o caso da minha geração americana de finais do século XIX com França.

É verdade que por vezes há quem descubra o seu próprio país como se fosse o outro, um exemplo recente disso mesmo é o da descoberta da América por Louis Bromfield, e houve também alguns casos assim entre os escritores ingleses, como a descoberta da Inglaterra por Kipling, mas, de um modo geral, o país onde desejamos ser livres é o outro país e não aquele ao qual realmente pertencemos.

Em San Francisco foi fácil que fosse a França. É claro que podia ter sido a Espanha ou a China, mas realmente em San Francisco uma criança sabia realmente demasiado da Espanha e da China, e a França era interessante enquanto a Espanha e a China eram familiares e quotidianas. A França não era quotidiana e só aparecia de vez em quando.

Começou por aparecer através de diferentes livros, Jules Verne e Alfred de Vigny e aparecia nas roupas da minha mãe e nas luvas e nos gorros e regalos de pele de foca e nas caixas dentro das quais chegavam.

Havia nessas coisas o cheiro de Paris.

E depois durante muito tempo foi muito fácil esquecer a França.

Aquilo de França de que me lembro a seguir são os Henry Henry e Sarah Bernhardt, o Panorama da Batalha de Waterloo e o Homem com Uma Enxada de Millet.

O Panorama da Batalha de Waterloo.

Uma das coisas mais agradáveis que podem acontecer àqueles de entre nós que escrevem ou pintam é ter o milagre de cada dia. Porque este acontece.

Eu tinha à volta de oito anos quando me aconteceu com o Panorama da Batalha de Waterloo.

Um panorama pintado por um francês, pergunto-me se não seria interessante ter um agora, um desses enormes panoramas em que ficávamos numa plataforma central rodeados a toda a volta e por todos os lados por uma pintura a óleo. Porque ficávamos completamente cercados por uma pintura a óleo.

Foi então que compreendi pela primeira vez a diferença entre um quadro e o campo aberto. Compreendi que um quadro é sempre uma superfície plana e um campo aberto nunca o é,

e que o campo aberto é feito de ar e um quadro não tem ar, o ar é substituído por uma superfície plana, e tudo o que num quadro imita o ar é ilustração e não arte. Devo tê-lo sentido muito intensamente enquanto ali estava de pé na plataforma, rodeada por todos os lados por uma pintura a óleo.

E depois houve Sarah Bernhardt.

Em San Francisco havia muitos franceses, e um teatro francês, e era natural conhecerem-se raparigas e rapazes pequenos que em casa muito naturalmente falavam francês. E por isso quando um ator francês ou uma atriz francesa vinham a San Francisco acabavam sempre por ficar bastante tempo.

Gostavam de ali estar e quando estão nalgum lado as atrizes ou os atores evidentemente representam, por isso era natural que se falasse muito francês no teatro.

Foi então que descobri muito naturalmente que o francês é uma língua falada e o inglês uma língua escrita.

Em França, sempre que alguém escreve alguma coisa e quer dá-la a conhecer, lê-a em voz alta. Para quem escreve em inglês, é natural passar o manuscrito às outras pessoas e deixá-las lê-lo, enquanto para quem escreve em francês é natural lê-lo em voz alta.

O francês é uma língua falada, o inglês realmente não.

Sarah Bernhardt fez-me ver os braços delgados das francesas. Quando cheguei a Paris e vi as pequenas midinettes e as pequenas montmartroises, todas os tinham assim. Só muitos anos mais tarde, depois de a moda das saias compridas que se usavam nesse tempo ter mudado, descobri as pernas robustas que acompanhavam esses braços delgados. É isso, as pernas robustas, que faz dos franceses tão bons soldados, os braços delgados e as pernas robustas, se estão a ver onde quero chegar, é qualquer coisa de tranquilo e emocionante.

É isso que faz todos os franceses capazes de subir como sobem as encostas dos montes a cavalo nas suas bicicletas, não há encosta tão íngreme que não sejam capazes de escalar pedalando lentamente, os homens e as raparigas e as crianças pequenas, as pernas robustas e os braços delgados.

A outra coisa francesa que havia em San Francisco era a família dos Henry Henry. Era esse o seu nome.

Havia um pai e uma mãe que se chamavam Monsieur e Madame Henry e havia cinco filhos Henry Henry e o filho mais velho tocava violino. Íamos muitas vezes a casa deles à tarde e ficávamos para jantar e a seguir dançávamos os filhos Henry e nós, ao som da música francesa do violino.

E para o jantar havia sempre um assado de carneiro, um gigot como eles diziam, cozinhado da mesma maneira de quando eu estava na escola em Paris e com batatas com manteiga a acompanhar, batatas com um ar limpo, menos escuras do que as cozinhadas à americana. Mas o mais emocionante eram as facas e os garfos. As facas tinham sido tão amoladas que a lâmina era fina como a de uma adaga, ligeiramente revirada na ponta e os garfos tão leves que quando os premíamos com mais força se entortavam. Essas facas e esses garfos eram a coisa mais apaixonadamente francesa que eu conheci e posso até dizer que alguma vez conheci.

Depois havia o Homem com Uma Enxada de Millet.

Eu nunca tinha querido realmente ter a fotografia de um quadro antes de ter visto o Homem com Uma Enxada de Millet. Tinha doze ou treze anos, lera o Eugénie Grandet de Balzac, e fazia alguma ideia do que eram os campos franceses mas o Homem com Uma Enxada tornou tudo diferente, tornava os campos solo e não país, e a França desde então passou a ser isso para mim. A França é feita de solo, de terra.